



Suplemento
do Jornal
CONTEXTO
PASTORAL nº 18
Janeiro/fevereiro
de 1994

Debate

Teologia e Economia

A IDOLATRIA DO MERCADO E OS DESAFIOS PASTORAIS

POR UMA "ECONOMIA ESPIRITUAL"

Não se pode falar de Deus sem falar da economia, principalmente se o reconhecemos como o doador da vida. Os que têm sensibilidade com sofrimentos dos irmãos percebem que não se pode anunciar o Deus da Vida sem se preocupar com a fome, o desemprego e tantos outros problemas que angustiam grande parte da população brasileira. Seria o mesmo que afirmar que Deus não se importa com os sofrimentos dos seus filhos. Estes são alguns dos aspectos abordados em artigo do teólogo católico Jung Mo Sung, o qual propõe uma "economia espiritual".
Páginas 3 a 6

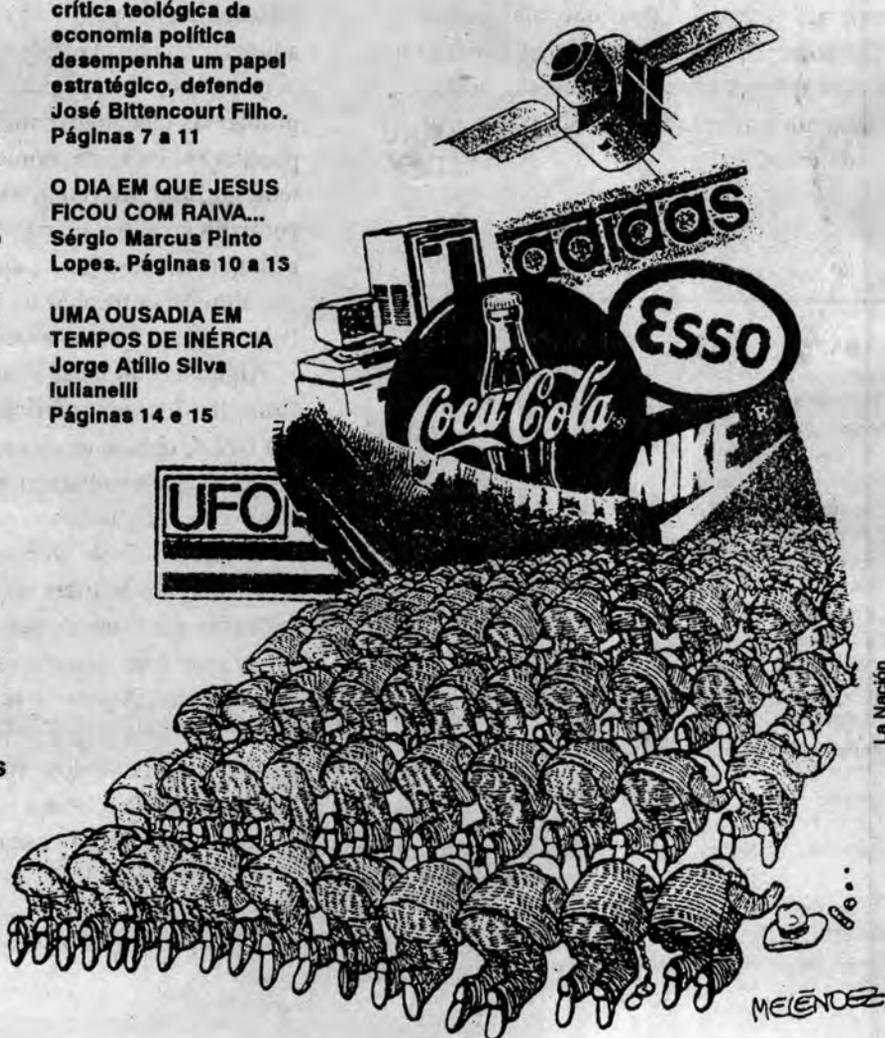
população mais desfavorecida, a crítica teológica da economia política desempenha um papel estratégico, defende José Bittencourt Filho.
Páginas 7 a 11

O DIA EM QUE JESUS FICOU COM RAIVA... Sérgio Marcus Pinto Lopes. Páginas 10 a 13

UMA OUSADIA EM TEMPOS DE INÉRCIA Jorge Atílio Silva Iulianelli
Páginas 14 e 15

CRÍTICAS TEOLÓGICAS

Diante da crescente sacralização do deus-mercado e suas conseqüências desastrosas para a



La Nación

LADOS DE UMA MESMA MOEDA

Fim da guerra fria. Derrocada do bloco socialista. Globalização. Ajustes estruturais. Deslocamento do centro da economia mundial. Privatização. Neoliberalismo. Sacralização do mercado. Empobrecimento e exclusão de imensas parcelas da população. Todos estes fatores estão necessariamente presentes quando se faz uma análise da conjuntura sociopolítico-econômica em âmbito nacional e internacional.

Vivemos hoje um momento bastante preocupante no que diz respeito ao futuro da população empobrecida dos países do Terceiro Mundo. Por trás das inúmeras transformações econômicas por que passa o mundo, existe uma perversa constatação: o ser humano é o que menos peso tem nas decisões e o mais atingido por elas. Dele são exigidos enormes sacrifícios para que tais transformações redundem em eliminação das desigualdades sociais. Entretanto, estas, diante da conjuntura, tendem a aumentar ainda mais.

Este quadro desafia os cristãos a uma conversão de caminhos, na direção de uma solidariedade e um compromisso mais efetivos com os excluídos da sociedade. Isso significa uma postura profética: de denúncia do deus-mercado que escraviza e marginaliza muitos, privilegia uma diminuta parcela da população e faz a todos objeto de manipulação do capital; e de anúncio do Deus da Vida, solidário, companheiro e guia, que deseja que todos se encontrem como seres humanos, com os mesmos direitos e oportunidades.

Já há algum tempo um pequeno grupo de teólogos tem procurado refletir sobre essa relação da economia e teologia. Ainda em processo de compreensão por parte dos cristãos em geral, tal relação se justifica principalmente pelo fato de que não se pode anunciar o Deus da Vida sem se preocupar com a fome, o desemprego e tantos outros problemas que angustiam grande parcela da população. Portanto, como nos sugere o teólogo Jung Mo Sung, não há nenhuma contradição entre anunciar a Deus às pessoas e ao mundo e assumir a causa dos pobres, e, portanto, se enfrontar na economia. São dois lados de uma mesma moeda.

Algumas entidades ecumênicas, como o Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai) e o CEDI, têm-se envolvido, em um esforço conjunto, para socializar as discussões sobre a temática e buscar novos caminhos.

O objetivo deste *Debate*, portanto, é apresentar aos leitores um pouco das reflexões em torno do tema de Teologia e Economia, com a contribuição de alguns especialistas. Acima de tudo, desejamos somar esforços, numa perspectiva ecumênica, para que a missão dos cristãos seja compreendida de forma ampla e esteja sempre voltada para a proclamação da justiça e da paz.

DEBATE

Suplemento do jornal
Contexto Pastoral nº 18
Janeiro/fevereiro de 1994

Publicação do Centro
Evangélico Brasileiro de
Estudos Pastorais –
CEBEP (Rua Rosa de
Gusmão, 543 – 13073 –
Campinas SP –
Tel. e fax: 0192-411459)
e do Centro Ecumênico
de Documentação e
Informação – CEDI
(Rua Santo Amaro, 129 –
22211-230 – Rio de
Janeiro RJ –
Tel. 021-2246713 e
fax: 021-221-3016)

Editores-assistentes

Magali do Nascimento
Cunha
Carlos Cunha

Conselho editorial

José Bittencourt Filho
Marcos Alves da Silva
Paulo Roberto Rodrigues
Rafael Soares de Oliveira

Diagramação

Anita Slade

Fotolito e impressão

Tipológica Comunicação
Integrada

Tiragem

10 mil exemplares

Neste número:

Editor

Paulo Roberto Salles
Garcia (MTb.18.481)

TEOLOGIA E ECONOMIA: UMA INTRODUÇÃO

Jung Mo Sung

DEUS E ECONOMIA: UMA RELAÇÃO ESTRANHA?

Algum tempo atrás, tive a alegria de ser convidado por estudantes de teologia de uma Igreja Luterana, no sul do País, para colaborar na semana teológica promovida por eles. O tema escolhido era "Teologia e Economia". Conversando com estudantes da comissão organizadora, eu lhes perguntei: "Qual ou quais perguntas vocês gostariam que fossem respondidas nas palestras?" Uma aluna, após uma pausa (para reflexão ou para tomar coragem), disse: "O que eu gostaria mesmo de saber é o que a teologia e Deus tem a ver com a economia?". O leitor poderia estranhar essa pergunta vinda da comissão organizadora que, após consulta, escolheu aquele tema. Mas, também em muitos outros lugares onde sou convidado para dar palestras ou cursos sobre esse tema aparece esta pergunta.

O interessante é que há muitos pedidos de cursos e palestras sobre o tema, "Teologia/Deus e Economia", apesar dos próprios solicitantes não terem muita, ou nenhuma, clareza sobre essa relação. Há uma intuição de que é preciso caminhar nessa direção, apesar da falta de uma clareza teórica.

Essa estranheza em relação a Deus e Economia não significa, é óbvio, que os temas econômicos e sociais não estejam presentes nas conversas, estudos e reflexões dos institutos de teologia ou das igrejas. Por exemplo, quando alguém diz que "graças a Deus" está indo bem economicamente ou que o enriquecimento é sinal ou prova das bênçãos



Claudius Ceccon

de Deus, — "Teologia da Prosperidade" —, baseia-se numa determinada visão da relação entre Deus/salvação e economia. Além do que, com a crise econômica e social que o País está vivendo, todos (sejam pastores, seminaristas ou leigos) acabam conversando sobre estes temas nas igrejas.

A dificuldade em articular a teologia e economia, apesar do interesse no tema, vem de um descompasso entre a prática pastoral e os livros de teologia que são lidos por esses agentes pastorais. Na prática pastoral e na vida cotidiana, os que têm uma mínima sensibilidade com sofrimentos dos irmãos percebem que não se pode anunciar o Deus da Vida sem se preocupar com a fome, o desemprego e tantos outros problemas que angustiam a grande parte da população brasi-

leira. Não se importar com esses sofrimentos seria o mesmo que dizer que Deus não se importa com os sofrimentos dos seus filhos. Seria ter fé em um deus insensível, cínico. Na verdade, um ídolo; não o Deus Vivo e Verdadeiro.

O problema é que não há muitos livros que trabalham mais explicitamente a relação entre Deus/teologia e economia. (E entre os poucos que tratam, alguns são muito difíceis para os não-iniciados no assunto.) Apesar de que a Teologia da Libertação (TL) surgiu como uma reflexão teológica a partir e em função das lutas de libertação dos pobres e oprimidos e em função delas, ela, entretanto, aos poucos foi deixando meio de lado as questões econômicas na suas reflexões. Os temas como o capitalismo x socialismo, a depen-

dência econômica, a crise da dívida externa, a revolução tecnológica, as causas da pobreza convivendo com a riqueza e outros foram perdendo espaço dentro das reflexões da maioria dos teólogos da libertação. Isso explica por que os agentes pastorais têm dificuldades em explicar teologicamente a relação vida na pastoral entre Deus/salvação e problemas econômicos e sociais.

Só um pequeno grupo de teólogos da libertação continuou aprofundando a relação teologia e economia. Na caminhada dessa reflexão o livro de Franz Hinkelammert, *As armas ideológicas da morte*, publicado em 1977, é sem dúvida um marco histórico. Além de Hinkelammert, temos neste grupo outros nomes importantes como Hugo Assmann, Júlio de Santa Ana, Enrique Dussel, Pablo Richard e outros. (Aqui citamos somente autores que têm os seus livros publicados no Brasil.) Este grupo que compõe o que poderíamos chamar de "Escola do DEI" (Departamento Ecumênico de Investigações, de San José-Costa Rica, é um centro de pesquisa e formação teológica fundado por Hugo Assmann. Nele trabalham hoje F. Hinkelammert, P. Richard, Elza Tamez e outros) vem influenciando enormemente toda a discussão do tema teologia e economia na América Latina e também em outros continentes.

DEUS DA VIDA E A ECONOMIA

Voltando ao estranhamento sentido pelas próprias pessoas que acham importante discutir o tema da economia e teologia, precisamos entender um pouco melhor essa contradição. Acredito que essa situação é um reflexo da contradição entre duas maneiras de ver a missão da Igreja e dos cristãos. Com a

emergência do pobre nas igrejas e com a tomada da consciência de que a solidariedade com os empobrecidos é causa das igrejas, os cristãos assumiram a economia como um dos campos privilegiados de sua ação, ou, pelo menos, de sua preocupação. Entretanto, continua em muitos uma teologia, assimilada desde a infância, que apresenta como a principal missão das igrejas o anúncio de Deus para os ateus, os não-crentes. A conversão dos ateus para a própria igreja seria a principal missão. Nesse tipo de teologia, Deus não tem nada, ou quase nada — pelo menos teoricamente — a ver com os

em conta a economia. Se isso fosse possível, o nosso Deus seria um deus insensível aos sofrimentos dos bilhões de seus filhos que passam fome no mundo todo.

Por sabermos que isto não é evangélico, as igrejas têm anunciado o nosso Deus como o Deus da Vida: "Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância" (Jo 10.10). Contudo, precisamos prestar atenção para que essa caracterização enriquecedora, "da Vida", não se perca novamente em generalidades e abstrações. O anúncio do Deus da Vida e a luta pela vida dos pobres e marginalizados não



problemas econômicos e sociais. A experiência de Deus é reduzida ao foro íntimo ou, no máximo, ao plano das relações interpessoais. Por isso, as pessoas que assumiram a causa dos pobres, mas ainda não conseguiram superar essa visão teológica vivem essa contradição e esse estranhamento.

Sem dúvida, a principal missão da Igreja é anunciar o Deus de Jesus Cristo. Mas não há nenhuma contradição entre anunciar a Deus às pessoas e ao mundo e assumir a causa dos pobres, e, portanto, se enfrontar na economia. Muito pelo contrário, são dois lados de uma mesma moeda: não se pode anunciar a Deus de Jesus Cristo sem levar

pode tornar-se em mais um chavão que repetimos como no passado: "Deus é um Espírito perfeitíssimo criador do céu e da terra", sem sabermos as implicações dessa formulação na nossa vida concreta; ou reduzir a vida à "vida da alma".

Mas o que é vida? Podemos voltar ao famoso texto de Mateus (25.31ss). Nele Jesus fala das condições a fim de "ir para a vida eterna" e assim nos diz o que é a Vida que nos veio trazer. Todos nós sabemos de cor essa passagem: "Eu tive fome e me destes de comer. Eu tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhistes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e vieste ver-me."

Comida, bebida, roupa, casa, saúde, liberdade e afeto (da visita), isso é a vida. Os ricos querem mais dinheiro para poderem continuar comendo do melhor, viajar, ter mansões, beber bebidas finas, etc. E sentem-se "mais gente". Os pobres sofrem porque não têm o que comer, vestir, onde morar, etc. E essas coisas, todos nós também sabemos, não caem do céu nem dão em árvores. Precisam ser produzidas. Produção, distribuição e o consumo dos bens materiais necessários para a reprodução da vida é o campo da economia. Não se pode falar da vida sem falar da economia.

Alguém pode me contestar, com razão, que a proposta de Jesus não pode ser reduzida a algo tão "material". Onde está a dimensão "espiritual"? Afinal, todos procuram comida, bebida, casa, afeto para si e os seus. Sabemos que os "poderosos" do mundo sempre oprimiram os fracos para terem mais vida, isto é, mais desses bens materiais. Além, é claro, do "afeto" de todos porque são ricos e poderosos. A boa-nova de Jesus não pode ser somente a "luta pela comida". Isso não é nenhuma novidade. Diante dessa constatação, o perigo é cair na ingenuidade de achar que essas coisas materiais não são importantes na boa-nova de Jesus, como se pudesse haver vida sem esses bens materiais. Se prestarmos atenção ao texto de Mateus, a novidade não está na luta pelo "pão", mas sim na luta pelo "pão dos pequeninos", dos mais fracos, daqueles que não são um dos nossos (da minha família, do nosso grupo de amigos ou de igreja), daqueles que não vão poder nos retribuir. A espiritualidade consiste exatamente em ser capaz de sair de si, em direção ao mais pobre e fraco para lutar pela vida deles. Sem nada esperar em troca, de uma forma gratuita, porque eles não têm com

que retribuir. Na experiência da solidariedade com os mais pobres, na experiência da gratuidade, é que vivenciamos a graça de Deus. Sem a força do Espírito de Deus nós não perseveramos na solidariedade e na gratuidade.

Anunciar o Deus da Vida é propor, em primeiro lugar, uma economia onde os pobres e os marginalizados tenham condição de uma vida digna. É propor uma economia que "escute os clamores dos pobres" e coloque como um dos principais objetivos, senão o principal, o atendimento das necessidades dos mais fracos. É propor uma economia que não atenda somente aos desejos dos consumidores (os que têm dinheiro) — como é no capitalismo atual —, mas atenda prioritariamente às necessidades de todas as pessoas. Isso é propor uma "economia espiritual". É óbvio que o campo econômico não esgota toda a realidade humana, que a boa-nova de Jesus não pode ser reduzida à economia; mas também é claro que sem a produção, distribuição e consumo dos bens materiais não há vida, nem boa-nova.

Se anunciamos o Deus da Vida, isso significa que existe ou pode existir um deus *da morte* (ídolo). Um deus que propõe e legitima uma economia que produz vida só para os fortes, à custa da morte dos mais fracos. É isso que se afirma no primeiro mandamento: "Eu sou Iahweh teu Deus, aquele que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão. Não terás outros deuses diante de mim" (Dt 5.6-7). Iahweh se apresenta como libertador da escravidão, da morte, para a vida ("para dar uma terra onde corre leite e mel", isso é, onde a terra é do povo e a produção econômica é abundante para todos), em oposição a outros deuses da morte e opressão, que selecionam os que têm direito à

vida e condenam os outros à morte.

Lógicas econômicas baseadas na morte dos pobres produzem também a sua religião idólatra que dá "boa consciência" aos idólatras (cf. Sl 73.12), produzem valores morais e culturas que as legitimam e as operacionalizam. É por isso que muitos, até mesmo cristãos, têm consciência tranqüila e são insensíveis diante dos sofrimentos de milhões de pobres numa sociedade em que proliferam luxuosos ambientes exclusivos, como os *shopping centers*, clubes privados e condomínios fechados. A importante discussão em torno da evangelização e da cultura não pode esquecer que os valores morais, religiões e culturas são produzidos e vividos dentro de uma totalidade social que tem como sua base a economia.

A IDOLATRIA DO MERCADO E OS DESAFIOS PASTORAIS

Nos últimos anos, com a derrocada do bloco socialista e os avanços da revolução tecnológica que está ocorrendo nos países capitalistas ricos, estamos sendo bombardeados por duas idéias: a) a história chegou ao fim, isto é o segredo da história foi revelado: toda a evolução da história humana aconteceu para desembocar no sistema de mercado capitalista (tese defendida por Francis Fukuyama); b) o mercado livre é a única salvação para as nossas economias em crise (defendida pelos neoliberais). Estas idéias são duas caras de uma mesma moeda: a apresentação do mercado capitalista como o grande e o verdadeiro sujeito da história.

A idéia central dessa ideologia consiste no seguinte: a crise econômico-social brasileira e dos outros países da América Latina é fruto de desmandos do Estado na economia, no seu de-

sejo de resolver os problemas sociais sem respeitar as leis do mercado; por isso, a salvação está na livre iniciativa, no sistema de mercado (menos Estado, mais mercado: ou, como dizia a propaganda do Governo sobre a privatização das empresas estatais: "Menos Estado, mais Brasil"). Para eles a falência do socialismo "real" é a prova definitiva da superioridade natural do capitalismo; de que não se pode querer ter metas sociais, não se pode querer planejar a solução dos problemas econômicos e sociais; de que não há saída fora da lógica do mercado. Alguns chegam a comparar essa "transição econômica" de uma economia com intervenção do Estado para economia de total liberdade de mercado com a "travessia do deserto" e que o grande desafio seria "atenuar os sacrifícios da travessia."

Nesse mesmo tom religioso, a importante revista econômica *The Economist* diz que "o deus fracassado da economia de comando [socialismo de modelo soviético] foi finalmente depositado" e que o moderno sistema de comunicação está transmitindo "a boa-nova da democracia liberal [capitalismo] para praticamente todos os cantos do globo". Para eles o capitalismo é o "deus eficiente" que anuncia ao mundo o Evangelho (a boa-nova). E depois eles dizem que a economia não tem nada a ver com religião! Mas o que é a "lógica do mercado" apresentada como a boa-nova e o único caminho de salvação — com sacrifícios necessários, mas redentores —, para o paraíso chamado "sistema de livre mercado"?

O sistema de mercado capitalista tem duas características centrais: a) a produção é controlada pelas empresas privadas e destinada ao mercado para atender os desejos dos consumidores (os não-consumidores, os pobres, os excluídos do mercado,

não são levados em conta pelas empresas produtoras de mercadorias); b) o espírito que rege as relações dentro do mercado é o da concorrência, ou, como diz a Fiesp, é "um regime de sobrevivência dos capazes". Isso significa na prática a exclusão dos "menos capazes", dos que não têm as mesmas condições para concorrer com os mais fortes no mercado.

O capitalismo promete o paraíso da abundância de consumo. Para obter a satisfação de todos os desejos de consumo, eles prometem a superabundância de produção via a maximização do progresso técnico. Quanto mais técnica, mais produção e, portanto, mais satisfação de desejos de consumo. (O capitalismo é um sistema materialista-consumista por excelência.) Para a maximização do progresso tecnológico — o segredo dessa promessa — é necessário, segundo eles, a sobrevivência dos mais competentes e a exclusão/sacrifício dos menos competentes e dos mais pobres. Por isso, eles dizem que os sacrifícios impostos à população pobre são "sacrifícios necessários".

Estamos num dilema: para se atingir o paraíso (a abundância de consumo) é necessário abandonar o espírito de "caridade cristã", de solidariedade com os mais fracos. Para se atingir o paraíso capitalista é preciso criar uma cultura da insensibilidade social, ou, como diz ex-ministro Roberto Campos, "uma 'mística cruel' do desempenho e do culto da eficiência".

É verdade que um sistema baseado na "sobrevivência do mais capaz" gera mais progresso técnico. O que não é verdade é que o progresso técnico seja sinônimo do progresso humano ou de um sociedade mais humana. Quantidade de mercadoria produzida e consumida não é igual a qualidade de vida. Principalmente se levamos em conside-

ração que os pobres estão excluídos dos benefícios desse progresso técnico.

Como a sociedade capitalista está fundada na ilusão de que o mercado é o único caminho para o paraíso identificado como plenitude de consumo, o sacrifício dos pobres é apresentado como "sacrifícios necessários" para a "redenção" da sociedade. E, com isso, se cria uma "cultura da insensibilidade social" e se possibilita aos integrados no mercado uma consciência tranqüila diante dos sofrimentos dos pobres.

O mercado é apresentado assim como um ser supra-humano capaz de nos levar ao paraíso, exigindo para tanto "sacrifícios necessários". A tradição bíblica sempre criticou a exigência de sacrifícios humanos em nome de instituições humanas divinizadas como idolatria. E ainda hoje a idolatria é o nosso grande desafio pastoral. Não estamos diante de um mundo ateu ou secularizado, mas sim diante de uma idolatria do mercado.

Defender a vida dos que estão excluídos do mercado é a melhor forma de negar a idolatria do mercado. A solidariedade com os pobres é a melhor forma de vencer o cinismo que corrói por dentro a nossa sociedade. Precisamos da força e da luz do Espírito Santo para "continuarmos anunciando com intrepidez a palavra de Deus" (Atos 4.31), para proclamarmos que o mercado não deve ser a pedra angular da nossa sociedade, mas sim que a pedra angular deve ser o Jesus Ressuscitado (cf. Atos 4.11), que continua revelando-se na pessoa do nosso irmão que clama: "Eu tenho fome!".

Jung Mo Sung é teólogo católico. Autor de vários livros, dentre os quais "Idolatria do capital e a morte dos pobres" (Edições Paulinas) e "Teologia e Economia: repensando a Teologia da Libertação, utopias e sacrifícios" (Editora Vozes).

CRÍTICA TEOLÓGICA DA ECONOMIA POLÍTICA — NOTAS PASTORAIS

José Bittencourt Filho

Ainda durante o período ditatorial, o então ministro da Educação Jarbas Passarinho ordenou que fosse desativado o último curso de teologia ainda em funcionamento numa Universidade federal. A propósito, na ocasião, o secretário-geral da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE) escreveu um editorial na revista Simpósio intitulado "A Inutilidade da Teologia". Nele, o dr. Jaci Maraschin demonstrava a impropriedade de se exigir qualquer tipo de aplicação prática do conhecimento teológico. A teologia não pertence à ordem da utilidade ou da inutilidade. A seu respeito não se pode perguntar o que fazer, mas sim o que ela pode fazer conosco. Mais que nada, trata-se da hermenêutica privilegiada do real segundo a ótica da fé bíblico-cristã.

Sabe-se que o substrato do chamado protestantismo brasileiro consiste na mescla entre fundamentalismo e pietismo. Em consequência prevalece uma resistência, inconsciente na maioria dos casos, contra o saber teológico e seus desdobramentos. Por sinal, essa tem sido a causa mais determinante das crises recorrentes da educação teológica no âmbito protestante, posto que ainda não se decidiu, nem individual, nem coletivamente, qual a importância e a contribuição da teologia para a prática religiosa.

Assim sendo, quando se fala em crítica teológica da economia política, faz-se necessário um levantamento de questões e advertências de natureza pastoral, caso as comunidades e os movimentos eclesiais desejem assimilar positivamente essa pro-

posta pioneira do pensar teológico latino-americano. Podemos afirmar que se trata de um salto de qualidade num contexto de necessárias e inadiáveis reformulações para a Teologia da Libertação; isto no quadro das monumentais transformações em nível planetário, em decorrência da terceira revolução industrial.

Da chamada terceira revolução industrial decorre uma maior mobilidade das fronteiras, ou seja, elas já não mais correspondem às delimitações geográficas estabelecidas pelos estados soberanos. Do-ravante, as fronteiras serão estabelecidas consoante a dinâmica do mercado total. Acrescente-se a isso o fim da guerra fria, do bloco soviético, o surgimento dos megaconglomerados econômicos, assim como as novas associações periódicas ou permanentes entre as forças militares dos mais poderosos, como no episódio recente da guerra do Golfo.

Se estamos falando numa radical mudança do papel do Estado nas relações econômicas, particularmente no Terceiro Mundo; de mudanças geopolíticas em consequência de uma novíssima divisão internacional do trabalho; no ressurgimento de conflitos étnicos, culturais e religiosos em função de uma integração compulsória no plano macro; estamos falando rigorosamente numa nova ordem inter-

nacional, como fruto da nova fase do capitalismo imposta pelo neoliberalismo.

Não se pode esquecer que a fé bíblico-cristã nasceu do anúncio de Jesus, o Cristo, cuja mensagem central expressou-se desde sempre por um símbolo histórico e econômico: o Reino de



Süddeutsche Zeitung

Deus. Por conseguinte, teologia e economia jamais estiveram distantes, salvo nas versões espiritualizantes do cristianismo, lamentavelmente, numerosas e recorrentes.

ADVERTÊNCIAS

Após as considerações introdutórias, mas antes do assunto principal, é oportuno rememorar algumas advertências bastante frequentes no âmbito das ciências da religião, entretanto, comumente olvidadas na esfera da

prática pastoral. Em primeiro lugar destaca-se o fato de que a reflexão teológica sobre a economia dá-se num cenário de luta dos deuses.

Isto significa que se encontra em curso um combate entre instâncias que ilegitimamente reivindicam sacralidade. Teologicamente falando, diz-se que há uma profusão de ídolos buscando ocupar o lugar que só pertence ao verdadeiro Deus. Considerando-se que tais ídolos exigem sacrifício de vidas humanas em troca das benesses que prometem, estamos enfrentando uma ofensiva demoníaca de proporções colossais. Toda essa idolatria tem como substrato o deus-mercado com suas pretensões absolutistas e globalizantes. Essas pretensões chegam ao ponto do atual sistema dispensar a legitimação religiosa. Quando muito tolera e/ou incentiva aquelas expressões espirituais que lhe são convenientes.

Ademais, o deus-mercado impõe-se subrepticamente em todas as formas religiosas, inclusive as que se dizem cristãs, nas quais subsistem os princípios teológicos ou doutrinários da retribuição e da prosperidade. Nessas formas religiosas prevalecem, como tônica, a insensibilidade e o fatalismo, que, na prática, desembocam numa adaptação à nova ordem a qual se vai consolidando, mesmo quando vociferam retoricamente revolta e/ou protesto contra o *status quo*.

Nesse quadro a temática das representações da divindade merece um destaque todo especial. Avoluma-se um intercurso pragmático de símbolos que tenta encobrir o fator comum das religiosidades adaptadas ou resultantes do ajuste neoliberal. Neste particular, até mesmo os fundamentalismos que tendem a produzir projetos políticos peculiares não fogem à regra.

Reiteradas vezes nas Escrituras cristãs os sacrifícios são colocados em plano secundário e até mesmo enfaticamente rejeitados, como no caso da literatura profética. Os sacrifícios humanos sequer são cogitados. O Deus bíblico abomina os sacrifícios rituais quando estes não são expressão de uma comunidade onde a justiça predomina nas relações sociais. Portanto, no atual momento histórico, assistimos a um embate entre o Deus de amor e um deus sacrificialista, este último camuflado na lógica sistêmica.

COMENTÁRIOS

Na nova ordem internacional as modalidades de dominação também sofreram transformações. O recurso à força das armas só é utilizado emergencialmente. Tanto o poder como as modalidades de dominação tornaram-se difusos. Recentemente o mundo inteiro pôde ver pela televisão, pela vez primeira, ao vivo e em cores, a transmissão de um conflito armado envolvendo várias nações: a guerra do Golfo. Contudo as batalhas foram mostradas como num videogame, isto é, jamais se viam pessoas nem sangue. Pelo contrário, após os bombardeios mostravam-se cenas das ruas das cidades onde reinavam calma e tranquilidade. Jamais o número total de mortos foi satisfatoriamente revelado.

As transmissões eram entremeadas por anúncios comerciais que banalizavam os combates e distanciavam os telespectadores dos dramas humanos envolvidos. Com isso, aplicava-se um dos mais conhecidos instrumentos de alienação: a fragmentação da consciência. Ao mesmo tempo, contudo, gastava-se muito tempo na descrição detalhada do sofisticadíssimo aparato bélico utilizado pelos aliados. Tal descrição tinha apenas um objetivo: intimidar os milhões de teles-

pectadores de todas as partes do mundo. Consistiu numa forma sutil de demonstrar a todos, qual seria o custo da rebeldia e da resistência aos interesses sistêmicos.

Pode-se inferir desse exemplo que as formas de dominação passam hoje muito mais pela simbólica, veiculada pelos *mass media* do que pelos expedientes mais tradicionais e conhecidos. Usando uma linguagem teológica pode-se afirmar que o deus-mercado possui seus próprios recursos religiosos. A "teologia" do deus-mercado é o conhecimento científico-tecnológico, tido por muitos como apto a solucionar todos os problemas humanos. Essa teologia é pregada pelos "evangelistas" credenciados — os meios de comunicação de massa. Não faltam também os "sacerdotes": executivos, economistas e políticos.

INDICAÇÕES

Do ponto de vista pastoral faz-se mister, em primeira instância, a distinção imprescindível entre discurso teológico e discurso religioso. O primeiro recorre à metodologia tanto da filosofia quanto das ciências humanas, porquanto deseja garantir o maior rigor possível aos seus enunciados; isto sem abrir mão de sua fonte privilegiada e única: a revelação. Já o segundo é apresentado por meio da simbologia e da linguagem religiosas de amplo domínio, embora sem perda de veracidade.

Quando essa distinção não é levada devidamente a sério, muitos equívocos podem ser cometidos, além dos ruídos de comunicação indesejáveis entre agentes intermediários e as comunidades nas quais atuam. Nessa altura vale recordar a problemática em torno da questão das elites, cujo tratamento tem sido demasiadamente ideologi-

zado no campo da pastoral popular ao longo das últimas décadas.

Concomitantemente retomar a dialética massas e minorias, arma efficientíssima no combate às posturas que consagram o êxito e o sucesso como evidências irretorquíveis da aprovação divina. Mais do que nunca é preciso atualizar a palavra do Mestre quando afirmou "Meu Reino não é deste Mundo". As ortodoxias têm interpretado essa expressão em termos espaciais. Na verdade, Jesus falava a respeito da natureza do Reino que anunciava. Ele jamais se imporia pela força das armas, nem pelo convencimento intelectual, nem pelos sinais e prodígios, nem pelo prestígio político, e, muito menos, pelo poder econômico.

Ao invés de confrontar as dominações religiosa e política que vitimavam seu povo, indo desse modo ao encontro das expectativas messiânicas da época, Jesus preferiu transgredir pedagógica e publicamente os valores que davam suporte a essa dupla dominação. Com isso construiu o paradigma evangélico da "proscrição", a nosso ver o mais compatível com os desafios pastorais que a agenda do mundo apresenta para os cristãos na atualidade.

Hoje, configura-se como ato profético afirmar a dignidade e a solidariedade humanas. O sistema considera a ambas como sérios empecilhos para que a "mão invisível" do mercado realize sua obra de organizar as relações econômico-sociais, dessa maneira produzindo o bem de todos. Com efeito, aqueles que se lesem fiéis ao Evangelho devem buscar, na práxis que se oferece, ética, consciente, e voluntariamente contrária à lógica sistêmica, o paradigma pastoral para o nosso tempo.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Buscamos até aqui preparar o terreno para que a crítica teoló-

gica da economia política tenha livre curso entre os grupos, movimentos, e comunidades eclesiais comprometidas com a vida plena.

Vale ainda lembrar que o Reino permanece como a grande reserva utópico-escatológica que inspira e compele todos os esforços teológico-pastorais genuínos. Nas últimas décadas não poucas vezes, o Reino foi confundido com projetos históricos contingentes, levando muitos cristãos à frustração. Agora, na pastoral, ele deve ser recuperado em sua pujança teológica de forma a continuar sendo o grande e único horizonte de nossas ações.

Esta é uma tarefa monumental e que deverá contar com todas as forças vivas, inspiradas ou não na fé bíblica, para que venha a ser realizada. Nesse empenho a pastoral não poderá estar fora sob o risco de pecar por omissão. No entanto, como se sabe, a práxis pastoral nos moldes latino-americanos não pode deixar de recorrer a um referencial teológico conexo. Neste particular estamos convictos de que a crítica teológica da economia política desempenha um papel estratégico.

Considerando: os grandes obstáculos a se suplantar na prática religiosa de todos os cristãos latino-americanos comprometidos; o pioneirismo da temática que esse novo pensar teológico apresenta; e a crise que se instaurou nas igrejas cristãs históricas; a ilação mais imediata é que o enfrentamento dos novos desafios exige uma postura ecumênica.

Todavia, o próprio ecumenismo está a exigir uma reinvenção.

Os modelos até aqui postos em prática estão em grande parte, insuficientes ou esgotados. As novas formas de se ser igreja na América Latina ensejaram comunidades a nascerem sem um vínculo direto com a institucionalidade eclesiástica, sem, contudo, poder prescindir dela. É preciso reconhecer que o cristianismo histórico encontra-se cada vez mais afastado, quer ideológica, quer geograficamente, dos pólos de poder.

Assistimos, conforme preco-



The Irish Times

nizara Richard Shaull há quase trinta anos, a uma nova Diáspora do povo de Deus em meio a culturas que lhe são hostis. Contudo, o mesmo teólogo reconhecia nessa Diáspora um movimento do próprio Espírito. Por tudo isso, nada melhor do que um novo pensamento teológico-pastoral capaz de indicar os caminhos que nos levarão a contribuir para a implantação dos sinais do Reino.

José Bittencourt Filho é pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, mestre em Ciências da Religião e coordenador do Programa de Assessoria à Pastoral (CEDI).

O DIA EM QUE JESUS FICOU COM RAIVA...

Sérgio Marcus Pinto Lopes

Como explicar por que Jesus, o qual tanto falava sobre o amor, sobre o andar a segunda milha, o ser paciente, tenha um dia agarrado um *fraguelion* — chicote com pontas de metal — e expulso do templo os cambistas e os mercadores (Jo 2.13)?

Os evangelistas não entram em detalhes. Apenas informam que Jesus não admitia que a Casa de Deus, que fora construída para ser casa de oração, houvesse se transformado em “casa de negócios” (“covil de ladrões”, na versão de Mateus, Marcos e

de. A outra é que Jesus percebia o mercado que ali se estabeleceu como um concorrente do próprio Deus. A liturgia divina se colocava agora mais como uma oferta aos interesses econômicos dos negociantes, erigida em fim último de suas preocupações, do que um serviço a Deus. Em outras palavras, duas religiões mutuamente exclusivas — na percepção de Jesus — estavam aparentemente convivendo no mesmo lugar.

Casa de negócios versus casa de oração. O que se segue é uma

DEUS x MAMON: OU UM OU OUTRO

Por que terá Jesus ido buscar a palavra Mamon (Mt 6.24 e Lc 16.13) para designar as riquezas? A palavra é de origem aramaica (“dinheiro”) mas nunca foi usada, entre os judeus, os galileus ou entre os povos vizinhos como se fosse uma personalidade, tal como Jesus a emprega. E, mais estranho, em nenhum outro exemplo dentro da pregação de Jesus pode-se encontrá-lo atribuindo um sentido de entidade a qualquer outra realidade da vida humana. Por que terá Jesus como que personificado as riquezas?

Na verdade, Jesus as está colocando no mesmo nível das atenções e dos serviços humanos que deveriam ser dados unicamente a Deus. Isto é, Jesus reconhece que o ser humano tem a tentação de prestar às riquezas um serviço de culto.

Aqui se encontra uma denúncia profética: existe no dinheiro como que uma realidade mística, sobrenatural, que exerce verdadeiro poder manipulador sobre as pessoas. Como todos os demais ídolos, elas são o resultado de uma confecção. Mas escapam do controle humano e passam a dominar a pessoa.

É a partir daí que é preciso considerar o contexto econômico dentro do qual está vivendo cada vez mais o mundo de hoje. Não se pode, neste sentido, falar sobre o panorama religioso atual sem se mencionar, especificamente, o sistema de mercado. É ele, na verdade, a real “religião” seguida pela nossa gente, na medida em que: impõe uma teologia das mais completas, com



Milliyet

Lucas). Para muitos hermenautas isso se deu porque Jesus percebia haverem os negociantes — mancomunados com os sacerdotes — se transformado em exploradores do povo, que vinha da zona rural para trazer suas ofertas a Javé. É uma parte da verda-

breve reflexão bíblico-teológica que busca considerar este tema e introduzir, para quem ainda não se debruçou sobre ele, algumas questões que a presente conjuntura tem a propor a quem pretende confessar a fé cristã hoje.

uma concepção de divindade; um conceito de pecado e a existência de uma ação salvífica; exige um esquema sacrificial; define condições para a salvação compelindo a uma forma de fé; estabelece um código de conduta; e faz uma promessa para o amanhã. Dada a natureza totalitária da religião não há como escapar à opção posta por Jesus Cristo: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um, e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas (Mat. 6.24)." (Mt 6.24).

MERCADO OU SISTEMA DE MERCADO?

A palavra "mercado" é sempre usada em meio ao povo para se referir àquele lugar onde alguns vão para vender os seus produtos e outros para comprar o que necessitam. É a feira. Ao tempo em que ainda não havia dinheiro, esse intercâmbio se dava por meio de trocas. Nesse sentido, o mercado é uma das mais legítimas criações do espírito humano, a raiz mesma da cultura. Foi no encontro das pessoas que as idéias se intercambiaram, a arte encontrou a sua expressão e a sociedade encontrou o espaço para sua organização.

A expressão "sistema de mercado", no entanto, vai além dessa idéia. Envolve uma série de propostas ligadas a um modo específico de se estabelecer essa organização. Pressupõe uma série de teses vinculadas ao capitalismo. Algumas dessas teses defendem a plena liberdade individual ou corporativa para a produção, o controle do consumo, a oferta dos produtos e a fixação dos preços, regido por princípios próprios, que não podem ser alterados. Na base de tudo, está a pressuposição de que esse esquema levará à felicidade de todas as pessoas. Uma força supe-

rior — embutida misteriosamente no seio do próprio sistema — o equilibrará de modo perfeito. Em última análise, cada qual conseguirá o que veio buscar em troca do que pôde trazer. O que ninguém fala é que isso se impõe, tal como Jesus o denunciou, como uma verdadeira religião.

Por que o sistema de mercado se baseia exatamente no culto do deus-capital? Mais do que satisfazer-se com a simples troca das coisas necessárias à vida, importa acumular sempre mais. Jesus (Lc 12.16-21) já havia denunciado o homem insensato (isto é, o rico) por não perceber a falsidade de seu culto. Para quem ficariam os seus bens no momento de sua morte? Já Adam Smith — um dos primeiros teóricos da economia moderna — admitia a existência de uma força espiritual misteriosa, a que ele chamava de "mão invisível", capaz de disciplinar as atividades humanas no mercado, levando ao bem de todos, por cima e além dos próprios interesses individuais (M. Novak. *O Espírito do Capitalismo Democrático*. Rio de Janeiro: Ed. Nórdica). Por isso, antes de falar-se de um ateísmo no mundo moderno, importa mais falar da idolatria em que se constitui o sistema econômico. Se Jesus já falava em seu tempo contra essa concorrência que as riquezas individuais pretendiam fazer a Deus, o século XX inaugura uma era em que a organização econômica se pretende mesmo universalizada e totalizante. Uma "religião católica".

UMA ESTRUTURA DE RELIGIÃO

No esquema geral das religiões universais — em contraste com a doutrina da Livre Graça — o que funciona é um toma-lá-dá-cá. O adorador recebe os favores da divindade em troca de sua fidelidade, de sua obediência às instruções divinas, de sua dispo-

sição de sacrificar-se para merecer tais dádivas, e especialmente de sua disposição de esperar o momento da bênção que nem sempre vem no momento em que mais se precisa! A religião do mercado funciona tal e qual. Como diz Julio de Santa Ana: "Desenvolve-se assim uma nova religião, com uma nova 'Torá' (as leis do mercado) que corresponde à sacralização sociológica operada sobre o mesmo" (Julio de Santa Ana. "Sacralizações e sacrifícios nas práticas humanas". In *René Girard com teólogos da Libertação*, Hugo Asmann, Petrópolis/Piracicaba: Vozes/Unimep).

A desobediência a estas leis se estabelece como um novo conceito de pecado. Muito embora isso não esteja declarado com todas as letras, é certo que a condenação cai sobre quem quer que se levante contra o deus-mercado, como o único capaz de estabelecer os preços e, necessariamente, a ordem em meio à humanidade. Negá-lo significa ser contrário à racionalidade que ele pretende possuir e estabelecer. Ademais, para se poder viver no sistema de mercado é preciso ser competitivo. Não importam tanto as questões éticas incluídas no edifício do pensamento cristão. Isso significa construir uma nova interpretação para a categoria do pecado. A verdade é que o interesse próprio, um outro nome para o egoísmo, é a mola-mestra para o funcionamento do sistema. "Descobriu-se um deus capaz de aproveitar-se do pecado original para implantar o seu reino" (Jung Mo Sung. *Deus numa economia sem coração*. São Paulo: Ed. Paulinas).

"Toda forma de economia política começa necessariamente (ainda que de forma inconsciente) com uma teoria do pecado. Explica-se: todo sistema está fadado a ser contra alguma coisa, bem como a favor de alguma coisa" (Novak, op.cit.). A admis-

são de Michael Novak nada mais é do que o reconhecimento de que o sistema econômico não passa de uma forma de religião. Aliás, toda a sua obra vai exatamente nessa direção. O que o autor não diz é que, para os defensores do sistema de mercado, pecado é o desrespeito às leis da competição a qualquer custo, a substituição da busca do interesse próprio por ingênuos e prejudiciais (ao mercado!) sentimentos de solidariedade humana. A única coisa "pecaminosa" que o sistema de mercado teme é a existência de um Estado forte ou de um excessivo poder privado que intervenha nele e limite a sua liberdade. A isso Novak chama de "tirania" que deve ser temida.

Mas não há por que desanimar. Existe como que uma espécie de providência no sistema que transforma o todo das ações egoístas em um resultado benéfico para todos. Esta "providência" se manifesta — conforme Novak — na medida em que os indivíduos se tornam industriais no tempo, desenvolvem o mercado com plena liberdade, confiam na lógica do sistema, não se envergonham de reconhecer que buscam realmente o maior lucro possível, e defendem uma sociedade de desigualdades, na qual sobrevivem os mais aptos (Novak, op.cit.).

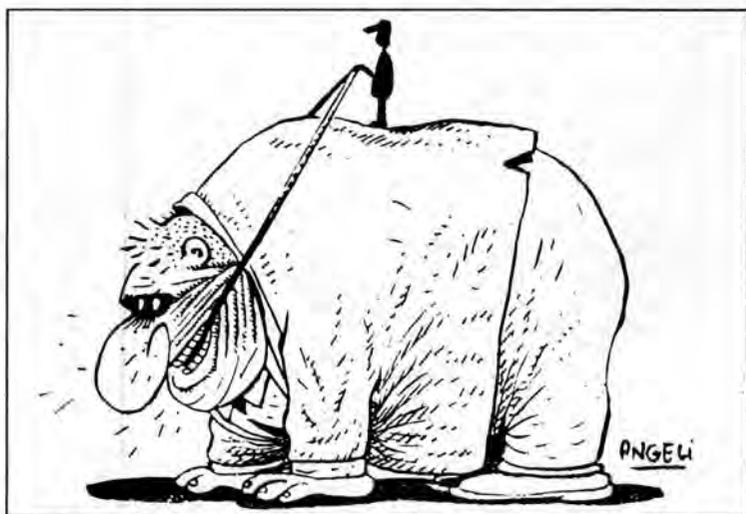
A pergunta que se impõe, no entanto, é: E os menos aptos, os que ficaram à margem do caminho, os empobrecidos? E a resposta é lógica: Não há lugar para eles. Como nas mais tradicionais religiões, para que se mantenham os privilégios de alguns, "... é necessário que grandes contingentes de países pobres se sacrifiquem. O sistema econômico internacional é um sistema sacrificial. Por isso mesmo é violento. René Girard demonstrou suficientemente que aqueles que dispõem de privilégios na escala social sustentam suas

posições graças ao holocausto dos marginalizados e empobrecidos" (Julio de Santa Ana. *La practica económica como religión*. San José: DEI).

"É a vontade de Deus", costumam dizer os pobres quando falam das privações por que passam. Uma ingênua explicação para uma questão inexplicável: por mais que eles trabalhem vão passando cada vez mais de pobres a miseráveis. Da falta de recursos à fome, da fome à desnutrição, da desnutrição à enfermidade, da enfermidade à morte. É assim que se dá o sacrifício das populações. Não há cutelos ensangüentados, nem altares visíveis em lugares públicos. É deste modo, no entanto, que se organiza o sistema sacrificial da religião econômica.

capital y la muerte de los pobres. San Jose DEI) — existe outra forma de se remunerar o trabalho: com os serviços públicos de saúde, educação, habitação, etc. Para o sistema de mercado isso significa um peso para o Estado. Qualquer coisa que determine esse ônus implica uma redução da capacidade estatal de acumular *superavits* que lhe permitam o pagamento dos juros da dívida que possui para com o setor privado, tanto no plano nacional como — e especialmente — internacional. Por isso o mercado insiste em que é preciso economizar no custo desses serviços, os quais, melhor ainda, podem ser passados à administração privada.

Salários em contínua redução, somados ao encarecimento



Folha

Não existe, no mundo do mercado, nenhum critério vinculado aos direitos humanos — como, por exemplo, as necessidades básicas das pessoas — para se determinar o salário dos trabalhadores. O único fator a ser considerado é o quanto aquilo que eles produzem permite ou não a competitividade no mercado. Se o custo é alto, é preciso economizar em alguma coisa. E esta é sempre o nível salarial. Por outro lado — como recorda Jung Mo Sung (*La idolatria del*

dos serviços de saúde e do acesso à educação e à moradia, representam o reforço do sistema sacrificial da religião do mercado e o aumento do número dos milhões que cada vez mais vão escorregando para a miséria e, necessariamente, para a morte. Um sistema sacrificial dos mais refinados.

É evidente que, para se montar um projeto agora de dimensões mundiais, que implica se poder aceitar tanto sofrimento e morte com naturalidade, é preci-

so haver uma adesão interior a suas idéias fundamentais. Isso nada mais é do que uma outra expressão de fé. Assim como é necessário que as pessoas cristãs tenham fé em Deus, creiam que sua vontade última será realizada, não importam os acontecimentos do momento presente, é preciso que os que se vinculam ao sistema do mercado também creiam que este conduz a finalidades últimas associadas à mesma vontade de Deus. Nesse sentido o mercado é visto como um instrumento da realização dos propósitos divinos para com a humanidade. Como isso não pode ser comprovado — ao contrário, parece que a cada dia se aprofunda e se amplia o fosso que separa os poucos privilegiados da grande massa dos empobrecidos, cada dia mais e mais excluídos da “graça” — é necessária maciça dose de fé.

Pode parecer um absurdo, mas isto é plenamente aceitável aos olhos dos que crêem no mercado. Racionalizações teológicas sempre se haverá de achar para justificar o que se deseje. As investigações que se deram no âmbito da rememoração dos 500 anos de presença branca no Continente revelaram o que se afirmou no passado para tornar aceitável a presença dos opressores. Uma das mais chocantes foi a de que Deus havia enterrado enormes riquezas de prata e ouro no solo da América Latina para que estas, atraindo os descobridores e conquistadores, fizessem com que estes invadissem o Continente e trouxessem consigo os missionários que, assim, haveriam de evangelizar os aborígenes pagãos que aqui habitavam... (Gustavo Gutiérrez. *Dios o el Oro en las Indias*. Lima: Instituto Bartolomé de las Casas).

A conversão a este tipo de religião exige, necessariamente, um código de conduta. A ética do mercado, no entanto, não se fun-

damenta necessariamente no respeito aos princípios do amor ao próximo e da justiça. Hugo Asmann comenta estes pressupostos de forma irônica: “Vícios privados = virtudes públicas”. Aí estaria todo o segredo. O interesse próprio de cada indivíduo, sem propósitos benevolentes de fazer o bem aos demais, quando busca afirmar-se, mesmo agressivamente na inter-relação competitiva com os interesses dos demais, cria os mecanismos do mercado; esses mecanismos se tornam auto-reguladores (é o que se afirma) e, desse modo se chega — espontânea, natural, inevitavelmente —, por obra de uma providencial ‘mão invisível’, à melhor realização do bem comum. Encontrara-se, finalmente, o caminho mais seguro para o amor ao próximo” (Hugo Asmann. *Clamor dos pobres e “Racionalidade econômica”*. São Paulo: Ed. Paulinas). Ou seja, o importante é observar as leis do sistema. As coisas se ajustam automaticamente!

Uma vez que o sistema hoje “demonstrou” a sua onipotência e que a história da busca por uma forma de sociedade a caminho da perfeição chegou a seu final, o que cabe é esperar pelo amanhã, uma promessa escatológica que não tem que se preocupar com o depois da morte e, sim, com a felicidade nesta vida. Estabelecido o equilíbrio do mercado em que todos terão aquilo que vieram buscar em troca daquilo que puderam trazer, a felicidade se terá estabelecido. Infelizmente é verdade que milhões terão morrido pelo caminho. Mas o que fazer? Não tinham mesmo os meios para subsistir, nessa impiedosa nova teoria da evolução das sociedades humanas... Os que sobreviverem estarão salvos e livres para se expressarem e viverem sempre como bons consumidores nos *shopping centers*, os novos templos da religião econômica!

A VIDA CONTINUA

Dona Cida vem subindo a rua, quase dez horas da noite, empurrando um pesado carrinho, cheio de caixas de papelão, desmontadas para ocupar menos espaço. É sua sétima viagem do dia. Amanhã irá vendê-las — pelo preço que lhe pagarem, e se quiser... — para comprar o pãozinho, cada dia mais caro. Seu Pedro, o marido, morreu de cirrose. Envergonhado por não conseguir emprego para sustentar a família, deu para beber. Durou pouco. Os dois meninos saíram de casa, a princípio para ajudar a mãe. Viraram meninos de rua. Por onde andarão? Dona Cida não consegue um trabalho melhor. Instrução, nunca teve. Negra — descendente de um sistema de escravidão nunca redimido — tem pouca chance nessa sociedade que rejeita a acusação de racista! Já está velha. Ou melhor, envelhecida. Não tem ainda 50 anos. Quem a receberia em um emprego?

Quem é o culpado da miséria de dona Cida? Ela mesma? Por não trabalhar? Mas como, se até essa hora ela anda empurrando esse pesado carrinho pelas ruas escuras, sem chuva ou com ela? Quem terá dado a ordem de demissão do seu Pedro, necessária para melhor lucratividade da empresa? A que igreja pertencia essa pessoa? De que religião seria um fiel adepto? Qual seria o seu Deus?

Será que Jesus ainda continua com raiva?

Sérgio Marcus Pinto Lopes é pastor metodista, ex-secretário regional do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) para o Brasil, e diretor do Centro de Filosofia e Teologia da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).

TEOLOGIA E ECONOMIA: UMA OUSADIA EM TEMPOS DE INÉRCIA

Jorge Atilio Silva Iulianelli

NARRANDO ACONTECIMENTOS...

Retorno de uma viagem para gravação de um vídeo sobre o Mercosul e a posição que o Clai e suas igrejas membro tomaram diante dele. Encontro-me com o coordenador do Programa de Assessoria à Pastoral e o Secretário da região Brasil do Clai que me convidam a fazer a memória de um conjunto de encontros que pretendiam realizar no Brasil em 1993. Contaram-me como surgiu a idéia de realização dessa atividade: *Queremos prestar um serviço às igrejas membro do Clai no Brasil no marco do Programa 500 anos, uma reflexão criativa que permita acumular utopia e ensinar reações num mundo que nos esmaga e destrói a vida de milhões de pessoas.*

A possibilidade efetiva dos encontros dependia de dois fatores internos. Por um lado, dependia dos contatos efetuados pelo Clai nas diferentes regiões do País. Por outro, dependia da capacidade interna das regiões se articularem e motivarem as igrejas-membros a se fazerem presentes. A partir desse ponto de vista, a participação representativa das igrejas-membros, logrou-se alcançar êxito nessa iniciativa. Ademais, há que se considerar que a iniciativa era uma introdução ao aprofundamento de uma reflexão teológica recente.

OLHANDO OS ENCONTROS...

O encontro possui vários momentos. O primeiro deles é sua preparação. Organiza-se uma equipe que vai facilitar aos participantes o acesso a várias informações e que vai com os participantes criar e articular um co-

nhecimento novo. Essa equipe foi formada por Jung Mo Sung, teólogo católico, leigo, que tem aprofundado, especialmente, a crítica teológica à economia política; Julio de Santa Ana, teólogo protestante que dispensa apresentações; Paulo Roberto Garcia, metodista, que tem desenvolvido uma reflexão bíblico-teológica acerca da questão econômica; José Bittencourt Filho, teólogo e pastoralista, preocupado em descobrir caminhos para um discurso religioso capaz de transmitir mensagens desmistificadoras; Leonildo Silveira, teólogo e sociólogo, que colaborou na reflexão pastoral.

Ainda na preparação deve-se fazer referência à preocupação logística que ficou a cargo do Clai e dos parceiros nas regiões. Além disso, a liturgia, estimulada pelo Rev. José Rubens Jardeleiro. Houve a preparação de um material de apoio, um caderno com textos introdutórios ao tema.

Reuniram-se representantes das igrejas Luterana, Metodista, Anglicana, Presbiteriana, Batista, Romano-Católica. Todos os encontros privaram de um clima fraterno e comunitário. A assessoria dos três primeiros encontros coube a Jung Mo Sung e a José Bittencourt Filho.

O primeiro aconteceu em julho, para a região sul, cidade de Curitiba. Nele havia, entre os participantes, empresários, o que facilitou a compreensão da lógica cruel e sacrificial do Mercado.

O segundo encontro foi na região Norte-Nordeste, aconteceu em setembro, em Fortaleza. A questão da seca, da demarcação

das terras indígenas, da prostituição infantil — que ladeava o local onde foi realizado o encontro —, permearam as reflexões teológico-pastorais realizadas. O grande transtorno era compreender as limitações de nossa atuação. Não somos deuses, somos criaturas e filhos de Deus. É na graça, com a graça e pela graça que atuamos.

O terceiro encontro foi realizado em Brasília, também em setembro, na região Centro-Oeste. Participaram desse encontro membros do GTME (Grupo de Trabalho Missionário Evangélico), que atua com as populações indígenas. Durante a realização desse encontro ocorreu o massacre dos índios yanomamis, no norte do País. Mais uma vez o tema da exclusão e da lógica sacrificial do Mercado se fizeram presentes.

O quarto e último encontro aconteceu em São Paulo. A assessoria contou com Jung Mo Sung, Paulo Garcia, Julio de Santa Ana e Leonildo Silveira. A metodologia foi distinta. Houve um painel sobre a questão pastoral. O grupo estava interessado em compreender e colaborar na criação de um discurso teológico, que possa ser reelaborado pastoralmente, crítico das estruturas econômicas que conformam uma sociedade idólatra e vitimária.

IDOLATRIA, SACRIFÍCIO, LÓGICA CRUEL: MERCADO, O ANTIDEUS DA VIDA

A constatação mais impactante foi a do caráter religioso-teológico do Mercado. Ele arvora-se, especialmente no neoliberalismo, à condição de todo-poderoso.

so, ele se auto-regula, não depende de ninguém, nem de nada. Ele é senhor da vida — e da morte. Ele é deus. A identificação do discurso religioso do Mercado desvela seu caráter falacioso, enganador. É contracultural tal identificação, que não é própria de quem partilha da lógica do Mercado. Ela é contrária a tal lógica.

É uma lógica cruel, que faz inversões: prestigia as coisas ao invés das pessoas; transforma o egoísmo em virtude e a solidariedade em vício; faz milagres. A idolatria é mão da lógica cruel que conduz a conclusões tais como a da naturalidade da eliminação de vidas humanas: é necessário que morram os pobres para haver mais vida para os sobreviventes. Afinal, se morrem ladrões no Carandirú, meninos e meninas de rua no Rio de Janeiro, yanomamis na Amazônia, é apenas a eliminação de um contingente perturbador, que não oferece lucro algum, e até o coloca em risco.

O sacrifício é regulador do Mercado. É necessário que sejam realizados ajustes econômicos para manter a cidade ordenada. A ordem é global. O Mercado é global. Há que se respeitar as imagens que autojustificam o Mercado. Neoliberalismo, Mercado, Guerra do Golfo, Transnacionalização, Mercados Comuns, Dívida E(x)terna... Fenômenos econômicos que possuem uma auto-explicação sagrada: Há uma teologia do Mercado, e essa é expressa por sua Economia Política. Por isso, há que se criticá-la teologicamente.

Pastoralmente é necessário, antes de mais nada, reconhecer que as comunidades possuem um discurso (vivência) religioso. A tematização teológica não é equivalente a esse discurso. Por isso ele necessita ser mediado. Por outro lado, é necessário resgatar a lógica de minorias. As comunidades cristãs existem

para possibilitar a vivência comunitária de pessoas que se amam, e esse amor é vivenciado singularmente, heroicamente. O cristianismo é uma religião de minorias, minorias que estimulam o surgimento de novas minorias, minorias, como diz d. Hélder Câmara, abraâmicas.

POSSIBILIDADES DE UMA LEMBRANÇA...

A própria natureza dos encontros não permitiria que eles fossem esgotados nas suas primeiras realizações. Eles cumprirão seu papel se, e somente se, os participantes dessa primeira etapa desempenharem o papel, com o qual estão comprometidos, de estimuladores de suas comunidades. Estimuladores da dessacralização do Mercado. Isso significa gerar a possibilidade de aproximação de reflexões como as que foram desenvolvidas nesses encontros, por meio de literatura, de encontros promovidos nas comunidades, de instrumentos didáticos outros.

Em segundo lugar, será necessário aprofundar a reflexão deflagrada com essa iniciativa. Para tanto, virão a ser providenciadas novas etapas. Isso deverá ser, também, motivado pela reação das próprias igrejas-membros a essa iniciativa. A tendência é que isso venha a ocorrer proximamente.

O Clai-Brasil, juntamente com o Cedi, resolveu propiciar um alento às igrejas: redescobrir Deus. Parece tema de uma espiritualidade piegas, mas é profundamente comprometedor. A constatação de que vivemos em um mundo anti-Deus-da-Vida, anti-Reino, uma situação de mundo descrita por muitos como sem coração. Por isso, o tema da proclamação da Boa-Nova tornou-se clamoroso.

Na sociedade brasileira, hoje, as pessoas não se juntam. O isolamento tem crescido e levado não poucos a situações de de-

pressão tamanha que chegam a cometer atos hediondos contra si e seus familiares. O Clai e o Cedi resolveram animar algumas pessoas a poderem pensar como, em suas igrejas, redescobrir o vigor da mensagem de Jesus Cristo, que tem seu centro no Reino. A proposta tinha que possuir uma efetivação densa e minoritária, não poderia pretender-se massiva, mas impregnativa: impregnar corações e mentes com a coragem de enfrentar o problema e de buscar soluções.

Naturalmente, encontraram-se grupos pequenos, de lideranças de igrejas, capazes de animar suas instituições eclesiais e comunidades locais — pois esse é o desafio — a redescobrirem a importância da proclamação. Para tanto, procurou-se favorecer esses grupos a que descobrissem qual é a mensagem religioso-teológica do Sistema, qual a mensagem bíblicocristã, quais as possibilidades pastorais que existem de proclamação do Deus cristão no mundo de hoje.

Todos os grupos viveram a experiência, de ficando em pé, formar um círculo, abraçar-se entrelaçado e, um por um, deixar-se apoiar pelos outros dois que o margeavam. Uma experiência indígena milenar da solidariedade efetiva: na comunidade o problema e a alegria são partilhados. Os outros sempre estão por perto para nos socorrer, são amigos que não nos abandonam. Essa comunidade não é o mundo, está no mundo, mas não se confunde com ele. Quem tem a missão de proclamar é a comunidade, ainda que o mundo esteja sem coração.

Foi isso que meus olhos viram, meus ouvidos ouviram, e eu dou testemunho.

Jorge Atílio Silva Iulianelli é filósofo e integra o Programa de Assessoria à Pastoral do CEDI.

DICAS DE LEITURA

Livros

**A IDOLATRIA DO MERCADO:
ENSAIO SOBRE ECONOMIA
E TEOLOGIA**

*Hugo Assmann & Franz
Hinkelammert*

São Paulo-SP, CESEP, Vozes
1989, 456 pp.

Estuda o aspecto teológico da
economia, enfocando a
idolatria e o caráter sacrificial
do mercado.

**DESAFIOS E FALÁCIAS:
ENSAIOS SOBRE
A CONJUNTURA ATUAL**

Hugo Assmann

São Paulo-SP, Paulinas, 1991,
94 pp.

Na lógica do mercado, o
discurso sobre a solidariedade
esvai-se, por não ter presente o
ser humano com necessidades
a serem atendidas.

**O AMOR E AS PAIXÕES:
CRÍTICA TEOLOGICA
À ECONOMIA POLÍTICA**

Julio de Santa Ana

Aparecida-SP, Santuário, 1989,
176 pp.

Estuda o caráter sacrificial do
sistema capitalista,
comparando a prática
econômica a uma religião
prática.

**A IDOLATRIA DO CAPITAL
E A MORTE DOS POBRES:
UMA REFLEXÃO TEOLOGICA
A PARTIR DA DÍVIDA
EXTERNA**

Jung Mo Sung

São Paulo-SP, Paulinas, 1989,
162 pp.

Defende a urgência da
penetração da reflexão
teológica no interior dos nexos
objetivos, que perpetuam os
sistemas de dominação, no
plano econômico.



Livreto

**COMO PROCLAMAR DEUS
NUM MUNDO SEM CORAÇÃO**

Jung Mo Sung e outros

São Paulo-SP, CEDI, CLAI
1993, 54 pp.

Subsídio dos seminários de
Teologia e Economia
realizados pelo CEDI & CLAI
em 1993.

Artigos

**CULTURA DE MERCADO
E CULTURA SOLIDÁRIA —
ANOTAÇÕES À MARGEM
DA "CENTESIMUS ANNUS"**

Hugo Assmann

REB, 51(204), Petrópolis-RJ,
Vozes, set/dez 1991,
pp.847-882

Traça uma série de
questionamentos à
"Centésimus Annus",
concluindo por enunciar seus
princípios.

A ECONOMIA E SEUS MITOS

Pedro Ramos

Impulso, 6(11), Piracicaba-SP,
UNIMEP, 1992, pp.145-150

Uma crítica ao mito capitalista
da nacionalidade como
fundamento do comportamento
humano.

**AQUI A COISA TAMBÉM
ESTÁ PEGANDO**

Eric John Hobsbawn

Revista de Cultura Vozes,
87(2), Petrópolis-RJ, Vozes,
mar/abr 1993, pp.18-23

Mostra o declínio econômico e

social dos países capitalistas
que foi encoberto pelo colapso
comunista. Após uma época
dourada, o capitalismo
encontra-se, mais uma vez, em
dificuldades.

**OS BLOCOS REGIONAIS
NAS AMÉRICAS**

Andrew Hurrel

Revista Brasileira de Ciências
Sociais, 8(22), São Paulo-SP,
ANPOCS, jun 1993, pp.98-118
Examina as diversas formas de
regionalismo atualmente em
discussão nas Américas.

**A RAZÃO DO SISTEMA:
O PRINCÍPIO DE EXCLUSÃO**

Julio de Santa Ana

Tempo e Presença, 15(268),
Rio de Janeiro-RJ, CEDI,
mar/abr 1993, pp.5-8

A crueldade do sistema: no
momento em que se dispõe de
recursos para erradicar a
miséria, há grandes zonas em
que homens e mulheres estão
condenados ao sofrimento.

**ESTRANHAS INVERSÕES
DO MERCADO**

Jung Mo Sung

Tempo e Presença, 15(268),
Rio de Janeiro-RJ, CEDI,
mar/abr 1993, pp.9-11

Reflete o paradoxo da
consciência tranqüila diante da
atual crise e intranqüilidade
social, devido à crença
neoliberal de que o mercado
pode resolver esses problemas.

NÃO HÁ MAIS JUSTIÇA

Norberto Bobbio

30 Dias, 7(2), São Paulo-SP,
Editbras, fev 1993, pp.46-49

Há uma tentativa de
desmantelar o Estado social e
tudo o que foi resultado de luta
do movimento operário. O
mercado tem limites de caráter
ético que não podem ser
colocados pelo mercado.